



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

SUPERVÁDIOS

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de Mestre em Cinema

Ricardo Salgado

PORTO

2024



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

SUPERVÁDIOS

Relatório de Projeto

Ricardo Salgado

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Diogo Costa Amarante

PORTO

2024

Dedicatória

Para a minha Tia, Madrinha e Alma Gémea.

Paula Gomes

1966-2023

Agradecimentos

Quero agradecer à minha irmã, Sara, pelo apoio constante e presença na minha vida que me deu forças para aguentar este ano. Por continuar a ser uma pequena vela pela qual me oriento nesta estranha vida e por me dar coragem para viver. Sem ela certamente não estaria a escrever este relatório nem teria finalizado o meu filme.

Agradeço ao meu orientador e professor, Diogo Costa Amarante, e aos meus consultores artísticos, Andreia Bertini, Marina Gaivão e Marco Martins, pelos diferentes conselhos e orientações que me permitiram crescer e maturar o meu olhar sobre cor, montagem e texto. Faço agradecimento especial a Mariana Gaivão com quem tive o prazer de trabalhar na Pós-Graduação em Pós-Produção onde tive o privilégio de conhecer Claire Atherton e fui exposto à sua fascinante filosofia tanto de trabalho como de vida.

Agradeço também ao Professor Daniel Ribas pelas orientações e revisões finais do projeto que me permitira aprimorar formalmente o filme.

Finalmente agradeço ao meu melhor amigo Afonso Pereira e à minha psicóloga Joana Pacheco.

Resumo

O filme nasce como luto, não só face à perda de uma pessoa mas face a perda de tudo que esta pessoa representava. Filme como preservação de memória é uma ideia já presente desde os primórdios do cinema, este relatório faz uma elaboração sobre o estado da arte no cinema documental autobiográfico tendo como referência as obras de Naomi Kawase, Sophie Calle e Jonathan Caouette.

Será explicado todo o processo e evolução do filme “*SUPERVADIOS*”, desde a ideia inicial ao resultado final. Haverá também uma elaboração sobre os aspetos mais técnicos da criação da curta juntamente com as estratégias elaboradas para circundar certos obstáculos.

Palavras Chave: Autobiografia, Documentário, Memória, Naomi Kawase, Luto.

Abstract

The movie births as grief, not only through the death of someone but through everything this someone represented. Film as preservation of memory is a concept present since the annals of cinema history, this report does an elaboration on the state of the art of documental and autobiographic cinema having as reference the works of Naomi Kawase, Sophie Calle and Jonathan Caouette.

The whole process and evolution of the film “*SUPERVADIOS*” will be explained, from the initial idea to the final result. There will also be an elaboration on the more technical aspects of the creation of the short alongside the strategies elaborated to go around certain obstacles.

Key Words: Autobiography, Documentary, Memory, Naomi Kawase, Grief.

Índice

I – Introdução	8
I.I – Cinema como Autobiografia.....	8
I.II – Documentário Autobiográfico.....	9
I.III – Naomi Kawase e a Condição Humana.....	10
II – O Projeto	12
II.I – O Projeto Inicial.....	12
II.II – O Filme por Concretizar.....	14
II.III – SUPERVADIOS.....	15
III – Reflexões Finais	17
III.I – Sobre Memória, Luto e Vida como Narrativa.....	17
IV – Referências e Bibliografia	20

I – Introdução

I.I – Cinema como Autobiografia

A exploração da própria vida ou de experiências pessoais íntimas no cinema pode ser encontrada desde realizadores como Dziga Vertov, no *“O Homem da Câmara de Filmar”* (1929), onde há uma reflexão sobre o próprio ato de filmar e as fronteiras entre documentário e expressão pessoal se diluem. Federico Fellini, com *“8½”* (1963) e *“Amarcord”* (1973), revela elementos da sua vida pessoal, a sua reflexão sobre a arte, o cinema, o sucesso e, principalmente, a memória. As recordações de infância, apresentadas como uma série de vinhetas ao longo de *“8½”*, ilustram essa exploração, sendo *“Amarcord”* o exemplo máximo, onde a comunidade da sua cidade natal é usada para construir um microcosmo de personagens coloridas e exageradas, reinterpretações fantasiosas de pessoas que conheceu ao longo da sua infância. Outro exemplo desta abordagem é François Truffaut, com *“Les Quatre Cents Coups”* (1959), em que a infância conturbada e repleta de delinquência do protagonista, Antoine, é um reflexo da própria vida de Truffaut. Desde então, o cinema autobiográfico tem evoluído, refletindo os avanços tecnológicos e as mudanças culturais e sociais. Realizadores como Jonas Mekas, com a sua vasta obra autobiográfica como por exemplo *“Walden”* (1969), *“Lost, Lost, Lost”* (1976) ou o meu preferido *“As I Was Moving Ahead Occasionally, I Saw Brief Glimpses of Beauty”* (2000), Agnès Varda com *“Les Glaneurs et la Glaneuse”* (2000) e *“Les Plages d’Agnès”* (2008) e ainda Chantal Akerman com *“News from Home”* (1977). Todos eles expandiram os limites de como as histórias pessoais são contadas e desenvolveram ainda mais as formas de explorar a autobiografia através do cinema documental experimental. Jonas Mekas, na sua obra *“As I Was Moving Ahead Occasionally, I Saw Brief Glimpses of Beauty”*, tem uma passagem que penso refletir perfeitamente o que senti e ainda sinto na montagem do meu filme *“SUPERVÁDIOS”* mas principalmente que reflete as dificuldades emocionais, técnicas e narrativas de criar um cinema documental e autobiográfico:

“I have never been able, really, to figure out where my life begins and where it ends. I have never, never been able to figure it all out, what’s all about, what it all means. So, when I began now to put all these roles of film together, to string them together. The first idea was to keep them

chronological, but then I gave up, and I just began splicing them together by chance, the way I found them on the shelf, because I don't know where any piece of my life really belongs, so let it be, let it go, just by pure chance, disorder. There is some kind of order of its own, which I do not really understand, same as I never understood life around me, the real life, as they say, or the real people, I never understood them, I still don't understand them and I do not really want to understand them.”¹ (As I Was Moving Ahead Occasionally, I Saw Brief Glimpses of Beauty, 2000)

I.II – Documentário Autobiográfico

Com a evolução do cinema autobiográfico, o gênero documental começou também a integrar elementos profundamente pessoais. Um exemplo de referência é o “*No Sex Last Night*” (1996), da artista francesa Sophie Calle com o cineasta americano Greg Shephardm onde registam uma viagem de carro pelos Estados Unidos, documentando as suas interações e a gradual deterioração do seu relacionamento. O filme combina imagens cruas, filmadas por ambos, e narração em voz-off, criando uma tensão entre o desejo de intimidade e a distância emocional que se instala entre eles. O filme autobiográfico e documental manifesta-se na exposição da vulnerabilidade pessoal e na ambiguidade entre a realidade encenada e a verdade subjetiva. Uma das características mais notáveis de “*No Sex Last Night*” é o seu jogo constante entre o real e o encenado. Embora o filme seja claramente um documentário sobre uma viagem, a forma como a história se desenrola levanta questões sobre autenticidade. Em vários momentos, é difícil discernir se o casal está a revelar os seus sentimentos genuínos ou a representar papéis que eles próprios construíram. Sophie Calle é conhecida por este tipo de ambiguidade nas suas obras, muitas das quais desafiam as fronteiras entre o real e o simulado.

Outra referência é também “*Tarnation*” (2003), de Jonathan Caouette, um filme que usa um formato híbrido de documentário e autobiografia para narrar a vida do próprio realizador e a sua relação com a mãe, que sofre de uma doença mental. Este filme é uma reflexão profundamente pessoal sobre a vida do realizador, explorando as complexas dinâmicas familiares, a doença mental e a busca pela identidade em meio ao caos emocional. Utilizando uma mistura de imagens caseiras, fotografias, gravações de áudio e trechos de filmes, Caouette constrói uma narrativa não linear que

¹ Mekas, J. (Realizador). (2000). *As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty* [Filme].

desafia as convenções tradicionais do cinema. Este filme apresenta-se como uma exploração visceral e íntima da psique humana. Duas das características que mais me impactou no filme foi não só a procura de identidade e autoaceitação, refletida através da busca por um sentido de pertencimento onde Caouette reflete sobre a sua própria sexualidade, as dificuldades que enfrentou ao longo da vida e a necessidade de encontrar a sua voz, e a forma como Jonathan Caouette utiliza material de arquivo pessoal. Desde gravações em vídeo da sua infância a registros sonoros das conversas com a mãe, cada elemento no filme serve para construir uma narrativa que é tanto íntima quanto universal.

Na mesma linha de pensamento encontramos com as curtas-metragens de Naomi Kawase, que partilham do forte cunho autobiográfico. As suas obras refletem uma sensibilidade quase espiritual ao abordar a memória, a natureza e as relações humanas, utilizando o documentário como meio de autoexploração. Filmes como “*Katatsumori*” (1994), “*See Heaven*” (1995) e “*The Setting Sun*” (1996) são, a meu ver, exemplos de como o cinema autobiográfico pode ser uma janela íntima para as experiências físicas, emocionais e espirituais dos realizadores.

I.III – Naomi Kawase e a Condição Humana

A realizadora Naomi Kawase desenvolveu uma abordagem especial e única no cinema documental e autobiográfico, através de curtas-metragens que interligam memória, família e natureza. A trilogia de filmes, “*Katatsumori*”, “*See Heaven*” e “*The Setting Sun*”, são uma homenagem à sua tia-avó, que a criou depois de ser abandonada pelos pais. “*Katatsumori*”, um dos seus primeiros filmes, Kawase filma a sua tia-avó de perto, criando uma atmosfera de intimidade e carinho, mas também de reflexão sobre a passagem do tempo e as mudanças subtis nas relações familiares. A câmara é uma extensão do olhar da realizadora enquanto regista as atividades diárias da sua tia-avó, tornando a imagem e o ato de filmar uma contemplação meditativa. Em “*See Heaven*”, Naomi Kawase mergulha ainda mais profundamente na sua própria introspeção espiritual e emocional, combinando imagens oníricas com uma narrativa que reflete sobre a vida, a morte e o significado do sofrimento. É questionada a natureza da existência, trazendo para o centro da sua obra não apenas a experiência pessoal, mas também quase por uma busca universal por um sentido transcendente. “*The Setting Sun*”, com uma estética mais austera e contemplativa, a realizadora utiliza o pôr-do-sol como metáfora para a inevitabilidade da morte e para as mudanças que ocorrem

na vida, tanto a nível pessoal quanto familiar. Ao longo destas curtas-metragens, Kawase não só documenta a sua vida, mas também constrói uma ponte entre a sua experiência individual e questões maiores. A abordagem de Kawase ao cinema autobiográfico documental é particularmente interessante pois cria um espaço onde o íntimo e o transcendental se entrelaçam. A sua câmara, em movimento lento e contemplativo, parece captar não só a realidade externa, mas também um mundo interior, tornando os seus filmes uma meditação visual sobre o tempo, a memória e luto, não somente pelas pessoas que perdemos, mas por tudo que se perdeu com elas.

Naomi Kawase com os seus filmes revela a profundidade da experiência humana e leva aos limites a sua capacidade de transformar a sua vida e as suas memórias em arte. Tal como os já mencionados, Dziga Vertov, François Truffaut, Federico Fellini, Jonas Mekas, Agnès Varda, Chantal Akerman, e inúmeros outros, usam as suas experiências e vivências como a base para o seu canto, espaços para reflexão sobre identidade e memória são abertos, a complexidade das relações humanas retiradas da escuridão. São-nos oferecidos vislumbres íntimos de diferentes vidas e o público é forçado não somente a uma conexão direta com as emoções e pensamentos dos realizadores mas a complexidade dentro das suas próprias vidas. A meu ver, ao capturar de tal forma a efemeridade da vida e as nuances das experiências pessoais estes realizadores transcendem os seus filmes, são criados autênticos instrumentos de conexão e empatia. Todos estes cineastas não só desafiaram os limites do meio, mas contribuíram para a construção de uma compreensão mais profunda da condição humana.

II – O Projeto

II.I – O Projeto Inicial

A ideia para o Projeto surge em 2022 no âmbito da unidade curricular “Projeto II”, como uma tentativa de explorar o que poderia vir a ser o filme final a ser apresentado no término do Mestrado em Cinema. Fora concebido em paralelo com outro projeto, uma pequena compilação de vídeos onde meu foco principal estava no ritmo e na estilização de imagem. Nessa outra proposta, eu trabalhei com um outro conceito, onde uma *gag* funcionava como o fio narrativo condutor. A ideia consistia numa exploração da expressão latina *Memento Mori*, onde interpolava imagens arqueológicas de esqueletos humanos com cartões que continham nomes de profissões, etnias, crenças religiosas e políticas. Ao som e ritmo de corte de uma versão instrumental distorcida da música “*Is That All There Is*” de Peggy Lee, os cartões tornavam-se progressivamente menos legíveis até culminar num *fade to white* com o plano da dança da morte do filme *O Sétimo Selo* (1963), de Ingmar Bergman. Tal como em “*SUPERVÁDIOS*”, abordo temas como a morte e o significado, mas de uma forma comparativamente superficial. Contudo, com o passar do tempo, esse projeto começou a parecer cada vez menos interessante e relevante, e eventualmente abandonei-o por completo. Nesse ponto, o presente projeto começou a ganhar tração e assumiu um lugar de prioridade. Como dito no primeiro cartão do filme, a minha tia tenta-se suicidar em 2022 trespassando o ventre com uma faca de cozinha. Quando recebe alta no hospital eu começo a gravar em segredo as nossas viagens. Foi uma decisão instintiva, a maior proximidade emocional e o nível de honestidade e intimidade a que era forçado pela natureza do projeto era a meu ver, apesar de levemente desconfortável, incrivelmente sedutora. Assim, a escolha foi feita: abandonei o projeto paralelo e dediquei-me totalmente ao que mais tarde seria batizado de “*SUPERVÁDIOS*”. O filme desenrola-se como uma pequena narrativa que encapsula múltiplas viagens de carro, conversas em bares e idas à praia. Tudo isso é costurado numa única viagem narrativa, uma colagem de momentos íntimos e significativos entre mim e a minha tia. A ideia principal sempre foi explorar a nossa relação complexa e também incrivelmente próxima. As vivências que compartilhávamos com outras pessoas que, embora não estivessem fisicamente presentes, estavam

sempre de alguma forma à nossa volta. O projeto começou como uma tentativa de captar a relação entre essas duas personagens, mas acabou por se expandir em algo muito maior.

Inicialmente, a minha ideia era fazer o filme em formato de entrevista, mas percebi que isso não captaria a autenticidade que eu buscava. Então, optei por esconder um microfone durante as nossas interações. Este método permitiu que as conversas fluíssem de forma mais natural e sincera. Embora eu estivesse consciente da gravação, com o tempo fui me abstraindo da presença do gravador, e assim conseguimos tocar em assuntos que, de outra forma, jamais seriam abordados. Essa metodologia trouxe uma autenticidade inegável às nossas conversas, e as discussões tornaram-se muito mais cruas. As músicas não foram escolhidas especialmente para as filmagens, simplesmente faziam parte das nossas rotinas e viagens, as conversas também não. Nada foi selecionado especificamente, tudo foi surgindo de forma orgânica. Tentei transmitir o melhor possível o que são os nossos encontros e viagens que fazíamos semanalmente, em maioria sem destino definido, momentos de pura liberdade, de janelas abertas, música alta e a estrada à nossa frente. Essas experiências foram captadas de forma a transmitir ao público a essência desses encontros e dessas viagens. Sempre tratei a minha tia como figura maternal e ela sempre me tratou como um filho. A nossa relação era profundamente honesta, sempre livres de dizer tudo e sem qualquer filtro, o que tinha os seus aspetos positivos e negativos. Apesar de termos comportamentos e formas de estar diferentes e das nossas frequentes discussões, acabava (quase) sempre em reconciliação. Somos ambos vívidos e com muita vida, rodeados por figuras igualmente coloridas e peculiares que são impossíveis de não mencionar. Pensei em aprofundar este aspeto numa versão mais longa pois considero que o filme ganha com a sua extensão, pois permite maior imersão e capturaria a sensação de estarmos numa viagem interminável com duas pessoas que falam incessantemente, revelando camadas emocionais cada vez mais complexas. Duas sequências importantes, que inicialmente não estavam no projeto, acabaram por ser inseridas. A primeira é uma sequência musical acompanhada por uma cascata de imagens intercaladas com vídeos de estrada. A segunda é uma sequência com o som do mar, sobreposta por fotos da minha infância e da minha tia, que eu havia encontrado recentemente na casa dela. Essas imagens, de grande valor sentimental, acabaram por tornar-se essenciais para o todo do projeto, e decidi incluí-las.

A temática central do filme envolve questões de toxicodependência, doença mental e famílias disfuncionais — temas que me são muito próximos e que sinto um zelo especial em abordar. Com

isto em mente pretendia fazer uma outra versão, que acabaria por ser a final, manteria o formato microfone escondido, mas faria questões mais objetivas e provocaria conversas mais direcionadas para o tema a tratar. Uma outra importante alteração seria não usar o meu telemóvel para filmar e gravar, como fizera na versão original e a agora final, e sim uma câmara com maior qualidade de captação de imagem, principalmente porque em alguns planos tentei fazer uns jogos de reflexo que não foram totalmente possíveis porque o meu telemóvel não o permitia. A intenção de uma forma ou de outra permaneceria a mesma, um olhar sem censura ou julgamento sobre a vida da minha tia e da minha, sem segundas intenções ou sugestões, sem objetivo ou fim concreto, realidade nua, bela e imperfeita.

Melhor imagem, melhor som e seria algo mais próximo de uma correalização na eventualidade de tratar isto em conjunto com a minha Tia. Infelizmente, essa versão final jamais se concretizou. Em setembro de 2023, pouco antes de retomar as aulas e avançar com o segundo ano do Mestrado, a minha tia comete suicídio. O filme cai por terra, tornou-se um testemunho de um luto, que nunca imaginei que teria de enfrentar, de uma relação que marcou profundamente a minha vida.

II.II – O Filme Por Concretizar

O primeiro semestre inicia e com ele uma nova proposta para o meu projeto. Faria uma revisão completa das cerca de quatro horas de conversas gravadas entre mim e a minha tia. Esse material áudio fazia-me enfrentar um desafio técnico significativo, a qualidade do som estava longe do ideal. Inicialmente, considerei duas abordagens para resolver esse problema: a primeira seria contratar um profissional especializado em recuperação de áudio, que poderia melhorar a clareza das gravações mas mantendo fidelidade com os ambientes. A segunda opção seria eu próprio tentar utilizar ferramentas de aprimoramento de áudio, como o ProTools ou o Adobe Audition, para trazer o som a um nível mais aceitável. Independentemente do caminho escolhido, era crucial que o áudio se tornasse audível e envolvente o suficiente para capturar a essência das nossas interações. Além de tratar o som, havia a intenção de realizar novas filmagens, desta vez com equipamento profissional. Tinha até considerado filmar em 16mm, um formato analógico tradicionalmente associado à memória e ao passado. Fora redigido também um cronograma assim como a metodologia de trabalho que seguiria. Tinha em mente um plano bem estruturado para desenvolver

um filme documental que fosse mais profundo e reflexivo, narrando a história complexa da minha relação com a minha tia e madrinha.

Embora os eventos e experiências narradas fossem em grande parte extraídos da minha autobiografia, a abordagem estética adotada para as imagens e o som não seria meramente ilustrativa. Residia a ideia de capturar não apenas os eventos objetivos que marcaram a nossa convivência, mas também a dimensão subjetiva e emocional da nossa relação. A proposta era explorar, de forma cinematográfica, uma maneira particular de ver o mundo que era compartilhada entre nós. Essa perspectiva compartilhada não só destacava a singularidade da nossa ligação, como também trazia à tona as complexidades e as contradições emocionais que permeavam a nossa convivência. Como na proposta anterior, o filme abordaria temas sensíveis, como os fantasmas familiares que assombravam nossa relação, as questões em torno da toxicodependência, e as dificuldades de se lidar com uma doença mental. Esses temas não seriam tratados de forma superficial ou meramente factual, pelo contrário, o objetivo era mergulhar nas camadas emocionais, muitas vezes contraditórias, que caracterizavam a nossa relação. Mais do que um relato de eventos, o filme pretendia ser uma jornada emocional que convidasse o espectador a refletir sobre as complexidades das relações familiares. As ambiguidades e nuances dessa relação seriam reveladas através do som, da imagem e do silêncio, criando uma experiência de imersão profunda.

Um filme documentário e autobiográfico que iria além do mero relato de eventos, uma jornada emocional que convida o público a reflexionar sobre as complexidades das relações familiares e as múltiplas dimensões da experiência humana. Infelizmente, devido a razões pessoais, nada disto foi conseguido, mesmo tendo tomado os passos iniciais para tal, principalmente na vertente da procura por uma equipa de som e a requisição de material profissional de filmagem para refazer a imagem do filme. O bloqueio emocional que experimentei ao ouvir novamente os áudios tornou impossível a tarefa de revisá-los com objetividade. Cada tentativa de me distanciar emocionalmente e tratar o material com um olhar técnico acabava em frustração, pois a carga emocional era insuportável. Além disso, a minha incapacidade de criar algo novo a partir desse material, de encontrar uma nova perspectiva que me permitisse avançar, resultou na estagnação do trabalho. Meses passaram, e com eles veio a paralisação completa do projeto. Novos áudios não foram selecionados, as melhorias de som não foram feitas, e as novas filmagens, que pretendia

realizar com uma câmara de maior qualidade, nunca aconteceram. Um filme que deveria ser uma catarse, uma forma de processar o luto e a dor, acabou por se transformar em uma barreira intransponível.

II.III – SUPERVADIOS

Como se renascido, lanço-me novamente ao projeto nos últimos dias de Julho de 2024, com ímpeto e uma nova prespetiva. Decido filmar novos planos e sem reservas abraço por completo a estética inicialmente adquirida pelo filme, uso o meu telefone como ferramenta de captação de imagem. Depois de filmar esses novos trechos, exporto tudo para o DaVinci Resolve. Aí trabalho na correção e tratamento da imagem da melhor forma possível, levando em consideração tudo o que aprendi durante a Pós-Graduação em Pós-Produção e dos conselhos preciosos de Andreia Bertini e Marina Gaivão. O processo de edição torna-se quase terapêutico, como se cada corte fosse um passo em direção a um desfecho emocional que eu precisava alcançar. O ritmo do filme também sofreu alterações significativas. Realizei novos cortes, removendo o que já não se adequava ao tom do projeto, inseri novas sequências que se encaixam de maneira mais harmônica na narrativa. O filme, que antes parecia seguir uma linha mais pesada e melancólica, agora revela outra faceta, uma mais suave e afetuosa. O cuidado com o ritmo, o som, a paleta de cores e até a criação das legendas tornaram este objeto em algo muito mais delicado e cheio de ternura do que o inicialmente concebido. O projeto, que começou a partir de um lugar de tristeza, medo e rancor, transformou-se em algo que parte de luto e termina em aceitação, sobre um olhar mais compassivo e reconciliador. O resultado final do projeto acaba por ser uma expressão emocional do meu próprio processo de cura. O produto final reflete esse encerramento, funcionando como um ponto final emocional que eu tanto precisava. Obtemos então um filme documental e autobiográfico onde ao longo de 30 minutos somos expostos a numa coleção de numerosas gravações áudio de conversas entre uma Tia e um Sobrinho numa viagem sem destino definido. Onde, através de fantasmas familiares, toxicodependência, experiências de quase morte, do mar, da praia, boa comida e boa bebida, ex-namorados e noitadas, Sister Sledge e Supertramp, somos expostos a uma exploração das ambiguidades emocionais, muitas vezes contraditórias, que compõem o cerne das nossas relações familiares e interpessoais. É um filme que, além de narrar uma história, convida o espectador a refletir sobre suas próprias relações, perdas e o processo inevitável de aceitar aquilo que já passou. É, no fim, um tributo à vida, à memória, e à aceitação de tudo o que vem com ela.

III – Reflexões Finais

III.I – Sobre Memória, Luto e Vida como Narrativa

Aproximando-se o fim dou-me ao privilégio de uma certa franqueza e, prometendo que este pensamento levará a um lugar útil, começo por confessar que inicialmente surgira em mim uma certa relutância na criação deste relatório. Estranhei, e ainda estranho, acima de tudo, a necessidade de justificar e defender um objeto artístico que, a meu ver, perde todo o seu propósito se justificado e defendido. Não digo isto com pretensão ou presunção, numa tentativa de ataque ou até na procura de um estranho estatuto de excecionalidade, digo-o por uma necessidade extrema de confessar um desejo por cinismo e sarcasmo que me acompanhou a escrita do relatório. Comportamento defensivo este que, na redação deste relatório foi contido, julgo, com grande sucesso. Enquanto escrevia a parte final do primeiro capítulo deste trabalho, e tendo conseguido suprimir os referidos desejos, refletia sobre Naomi Kawase e as suas curtas, sobre Chantal Akerman e a troca de cartas com a sua mãe, e ainda embalado pelas memórias soltas de Jonas Mekas, paro subitamente e, num instante, apercebo-me porquê, o porquê de uma reação tão visceral da minha parte face a este relatório. Não me refiro a ter que relatar todos os sucessos e fracassos na parte técnica e todas as questões desse gênero levantadas ao longo do processo criativo, o não ter contratado alguém para recuperar o som, a ter apenas refilmado algumas imagens e ter começado a fazer novos cortes apenas um mês e meio antes da entrega, não, não é ter que reportar todos estes pontos. Sinto o que sinto porque, para mim, este filme não é só um filme, este filme é a minha mãe que não me falava, o meu pai que não é mencionado, a minha irmã mais nova, o meu tio ladrão, o marido sargento-chefe, os ex-namorados malucos, os meus amigos que estragam coisas, a amiga da minha tia com o filho preso, o rapaz viciado em tabaco que usa o grinder, as bandas que passam na rádio, as vaquinhas que vivem para morrer, é a minha tia, é eu mesmo, é a nossa relação e a nossa vida. Qualquer tentativa de justificar o filme é uma tentativa de justificar existências que não requerem qualquer tipo de justificação.

Passadas umas horas, café tomado e ânimos acalmados, recordo-me de um ensaio que li no início deste ano onde o escritor afirma que “*we become the autobiographical narratives by which we*

'tell about' our lives"², memórias pessoais transformam-se numa narrativa cinematográfica, a forma como narro a relação com a minha tia é uma reinterpretação contínua e pessoal dos acontecimentos que moldaram a minha vida, tal como Jerome Bruner refere, vida não é apenas vivida, é contada e recontada. Ter-me-ei tornado na obra que criei. Bruner menciona que *"autobiography (formal or informal) should be viewed as a set of procedures for 'life making'"*³, não registei somente factos, mas também os transformei numa narrativa com uma intenção emocional, não existe uma descrição neutra de eventos pois tal é sempre impossível, mas um ato criativo que molda a identidade e constrói vida. A impossibilidade de uma narração neutra é elaborada pelo autor onde diz que *"autobiographical accounts (even the ones we tell ourselves) [are] notably unstable"*⁴, as narrativas autobiográficas são moldadas também através das referências culturais que cada um de nós contem, são moldadas pela cultura pelos modelos narrativos disponíveis. Esta instabilidade, representada aqui pelo meu luto e finalmente com a aceitação alterou diretamente em múltiplas ocasiões a forma como abordava o material gravado. Este conceito permite-me olhar para o meu trabalho não como uma verdade fixa, mas como uma interpretação fluida e em constante evolução. As minhas ansiedades face ao trabalho e agora face a este relatório são somente efeitos secundários da própria natureza do filme que realizei. Com isto chego à conclusão que acabo numa dualidade, que o filme não só documenta uma relação, mas também transforma essa relação num objeto artístico, cria um espaço de reflexão amplo sobre a vida quanto sobre a narrativa cinematográfica. A linha entre a vida real e arte torna-se turva ao ponto de se tornarem interdependentes, *"life imitates art, and narrative imitates life"*⁵ e vice-versa.

Assim, com o meu filme, *"SUPERVADIOS"*, não fico somente com um relato de eventos passados, mas uma meditação visual sobre a vida, a memória e a forma como as experiências, e a forma como as contamos, moldam a nossa identidade. Abraço a vulnerabilidade e a complexidade da condição e experiência humana, uso montagem como luto, e faço o filme tornar-se um reflexo de desejo de preservação de memória e de tributo. Convido o espetador numa jornada de introspeção e creio abrir diálogo amplo para as questões universais, a fragilidade da vida e a inevitabilidade da morte, as nuances do amor e da dor, a busca e perda de significado e identidade em meio de grande

² Bruner, J. (1987). Life as narrative. *Social Research*, 54(1), pp. 15.

³ Ibid., pp. 12.

⁴ Ibid., pp. 14.

⁵ Ibid., pp. 13.

caos emocional. Acredito que, acima de tudo, deixo um filme onde outros podem ver o seu reflexo, ver que não estão sozinhos, fazer ver que as suas vidas não são tão estranhas, que a complexidade da nossa humana condição é normal e deve ser abraçada de peito para fora e queixo erguido. Sei que deixo um testemunho de vida, da minha, da minha tia, de todos que fizeram e ainda fazem parte da minha, e de todos que deparados com o filme e se refletem nele.

IV – Referências e Bibliografia

Bruner, J. (1987). “*Life as narrative*”. *Social Research*, 54(1), 11-32.

Calle, S., & Shephard, G. (Realizadores). (1996). “*No Sex Last Night*” [Filme]. Sophie Calle, Greg Shephard.

Caouette, J. (Realizador). (2003). “*Tarnation*” [Filme]. Wellspring Media.

Kawase, N. (Realizadora). (1994). “*Katatsumori*” [Filme]. Nonaka Print Production.

Kawase, N. (Realizadora). (1995). “*See Heaven*” [Filme]. Delphine Films.

Kawase, N. (Realizadora). (1996). “*The Setting Sun*” [Filme]. Nonaka Print Production.

Mekas, J. (Realizador). (2000). “*As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty*” [Filme].